

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

DIRECTOR REGIONAL EM LISBOA
Jorge Manuel Freire Medeiros

ANO I N.º 6

DOMINGO - 19 de Julho de 1953

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

A LIGA PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA

E OS SEUS FINS

FUNDOU-SE, em Portugal, uma instituição que bem merece de todos os portugueses e que, inspirada nos seus princípios de criar um clima de compreensão para os problemas da «conservação da saúde», bem merece, também, de quantos prezam a saúde como o bem precioso da vida. Num artigo publicado n'«O Século» de 6 do mês corrente, o seu autor, o director geral de saúde Dr. Augusto Travaços, explicando a génese de tal instituição, escrevia: «Não há dúvida de que, em qualquer país, a acção sanitária se executa através dos seus serviços de Saúde e que, portanto, como executantes das medidas sanitárias, são estes os coordenadores e dirigentes do trabalho educativo. Mas também está geralmente reconhecido que a colaboração de associações não governamentais com os poderes públicos contribui para assegurar o sucesso das campanhas educativas de divulgação. Trata-se, então, duma extensão da acção oficial, por colaboração benevolente e desinteressada, da maior utilidade.» Nada mais certo e nada mais justo.

A Liga Portuguesa de Educação Sanitária, cujos estatutos já foram aprovados pelo Governo, tem a sua base na Organização Mundial da Saúde, que visa, como se sabe e o seu próprio nome denuncia, a divulgar os preceitos indispensáveis à conservação do mais valioso bem humano e a proteger a saúde pública contra todas as terríveis ameaças que sobre ela pesam e são inúmeras. Por iniciativa desse importante organismo mundial, efectuou-se, em Londres, de 10 a 18 de Abril próximo passado,

Eng.º Alfredo Cluny

Tem estado nesta vila, procedendo a trabalhos de actualização de estudos que se relacionam com as projectadas barragens do Beliche e Odeleite, o nosso presado amigo e assinante em Lisboa, sr. Engenheiro-agrónomo Alfredo Augusto Lisboa de Lima Cluny, técnico muito distinto da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos.

O II Concurso de Pesca Desportiva na Costa de Tavira

Decorreu com muito entusiasmo este Concurso que o Ginásio Clube de Tavira, com o patrocínio de diversos jornais, promoveu pela segunda vez.

A pesca, apesar de não ter sido abundante, ofereceu alguns aspectos de bastante interesse, tendo o campeão da prova sr. João José Albuquerque Veloso, travado luta, durante cerca de meia hora, com uma tinteireira de 16 quilos.

A classificação foi a seguinte:
Por clubes: 1.º Clube de Vela de Lagos; 2.º Grupo Desportivo de Carcavelos. Por equipas: 1.º Clube de Vela de Lagos; 2.º Grupo Desportivo de Carcavelos. Individuais: João José de Albuquerque Veloso; 2.º José Prista da Silva.

Campanha Nacional de Educação de Adultos

PRESIDIDO pelo ilustre Governador Civil do Algarve, sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão, realizou-se, em Faro, o acto de posse das comissões distrital e concelhia da Campanha Nacional de Educação de Adultos, há tempos nomeada.

O sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão frison o êxito notável que tem coroado a Campanha em todos os pontos do país, relevando os patrióticos intuitos da iniciativa do sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional, prof. Veiga de Macedo.

O Director Escolar, prof. Virgílio Ferreira Fagulha, membro da comissão distrital, elucidou os empossados sobre a forma brilhante como a Campanha tem decorrido no Algarve, mercê da acção de todos os agentes de ensino.

«Noticias do Algarve», a partir do próximo número, iniciará gostosamente a publicação das listas de professores do Algarve, que, pela sua acção, têm sido louvados.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

SUBSÍDIOS

PARA A HISTÓRIA ANTIGA E MODERNA

DE VILA NOVA DE CACELA

FOR MANUEL DOS SANTOS CABANAS

II

TRATAMOS, no primeiro capítulo deste modesto estudo, da parte administrativa e económica e do elevado grau de cultura dos povos primitivos que habitaram o Algarve, anteriormente à fundação da nossa Nacionalidade.

Vamos agora, pois, tratar da sua organização militar, da qual não nos restam dúvidas, também, quanto ao seu poder e importância.

Para o avaliar, basta-nos lembrar as constantes lutas que os povos dominantes tiveram que sustentar, conservando-se permanentemente em armas contra os invasores, para assegurarem a sua independência, desde que os Fenícios fundaram a colónia de Gades (Cádiz), verdadeiro ponto de partida, para a colonização da Península Ibérica.

Primeiro, os Celtas, vindos da Gales, seguidos dos Fenícios, provenientes do Mediterrâneo Oriental, depois os Gregos e por último os Cartagineses, que vindo do norte de África, invadiram a Península Ibérica, aí pelo ano 1500 antes de Cristo, e se conservaram nela, até ao ano 211 da mesma era. Depois, os Romanos, contra os Cartagineses, descendentes dos Fenícios, que expulsaram definitivamente, 200 anos antes de Cristo. Em seguida os Godos, que, descendo da Europa Central, e aproveitando-se do enfraquecimento do poderio romano, desde os princípios do Século IV, os expulsaram de todo, no ano 483 da nossa era, isto é, depois de Cristo. Finalmente, os Árabes, que lançaram fora os Godos, os quais domaram 300 anos, tendo-se conservado, muito especialmente ao sul, para onde foram empurrados pelos exércitos cristãos, até ao ano 1249.

A prática de exercícios marciais a que se entregavam com gosto, deram aos Lusitanos, insígnies capitães, bem instruídos na arte da guerra, como Viriato e Sertório.

Quando, em 1140, se fundou a Nacionalidade, e de Guimarães, berço da monarquia, os exércitos da cruz iniciaram as suas famosas e patrióticas conquistas contra os Árabes, tiveram de se manter em armas durante mais de um século para os dominarem, regando com sangue a terra da Pátria, por forma que mais tarde daria brado ao Mundo.

Quando os primeiros reis de Portugal, iniciaram as suas conquistas no Algarve, encontraram em frente de si castelos fortificados, quase invencíveis.

Eram então praças fortes, Alvor, Aljezur, Lagos, Silves, Porches, Albufeira, Quarteira, Paderne, Salir, Loulé, Estoi, Faro, Tavira, Castro Marim, Alcantarilha, Ayamonte e Cacela.

Mais antiga que Silves, Lagos, Faro e

Tavira, — Cacela foi, destas cidades a mais poderosa e notável.

Ainda a história não havia sido iniciada, e já Cacela, sob a designação de *Cunistorgis*, era a capital de um povo que se chamou o povo *Cúnio*, (moder-



D. Paio Peres Correia

Mestre da Ordem de Santiago, a quem Cacela foi doada por D. Sancho II, no ano de 1240.

nos algarvios), que assim se designavam por serem os habitantes da região do Cabo de Santa Maria, que tem a forma de uma cunha.

Supõe-se, segundo o que alguns afirmam, que tivesse sido fundada pelos Fenícios, no ano 3200 do mundo, ou 804 antes de Cristo, navegadores e comerciantes, que vieram da Ásia para a Ibéria e que colonizaram esta Península, 1500 anos antes de Cristo.

São vários os escritores que questionam sobre o sítio desta antigíssima cidade. Supõe-se ter existido, pouco mais ou menos, no sítio em que está Cacela, mas, em todo o caso, todos concordam ter sido à direita do Guadiana, e vizinha de Ayamonte.

Quando, anos depois, os Romanos iniciaram as suas grandes lutas contra os Cartagineses da Península Ibérica, naquela cidade invernou Galba, com as suas tropas, e dali saiu para invadir a Lusitânia, para a destruir.

Sob o domínio romano e godo viveu Cacela, sempre rica e poderosa até que caiu em poder dos Mouros, sendo então baptizada com o nome de *Hisp-Castala*.

Os Árabes, que eram, sem dúvida, muito mais instruídos que os Godos, que venceram e expulsaram, deram-lhe um grande desenvolvimento e elevaram-na a um lugar de esplendor, durante o

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

CRÓNICA DE LISBOA

ENCONTRARAM-SE junto da vendedeira de pevides. Ela, a Micas, oxigenada, engraçadota, com maneiras à Betty Grable, saia preta com «godets», e uma blusinha de manga cavada. justa... muito justa... demasiadamente justa... Ele alto, morenaço, com uma cabeça bem penteada, como as moças adoram, pela queda dos cabelos engordurados sobre as orelhas e o colarinho.

Foi ela que deu por êle.

— Olha que «gabião»! Que fazes aqui?

— Olé!, onde vais? Estás bestialmente «queque»!...

— Aldrabão!...

— Eh pá!, olha que não estou «de góso»!, tens montanhas de «lasca»!... Palavra que te grammo «às carradas»!... Mas afinal onde ias?!

— A parte nenhuma! Fiquei de estar às 3 com a Lú, mas a «tipa» não esperou.

— Foi pena!...

— Foi pena, porquê?!

— E' muito «gira»! E tem uma voz «oceanos» de doce...

— Pois eu acho-a «fortalezas» de reles! Anda sempre tão «fanéce», com os mesmos vestidos...

— Quando se casa? Parece que o «tipo» dela não ganha «um tosto»!

— E isso que tem? Casam já no próximo mês! Não podem esperar mais!... Vocês são uns «piratas»!...

— Ora essa?! Que culpa temos que vocês se «atirem» a nós?!

Eis, caro leitor, um exemplo do mimo de fraseado com que a mocidade de hoje se «bombardeia» (aproveito o calão, pois não encontro termo mais próprio), em especial nas grandes cidades!

Eu já não sou do tempo do «Vossa Excelência», e já tem sido na minha era que aquela respeitosa expressão se tem regressivamente metamorfoseado para o actual «Eh pá!». Já não assisti às valsas de Strauss dançadas suavemente, com sentimento e ritmo romântico. Agora, ou vejo os pares quase parados ao som dum tango, dum «blue» ou dum «slow», em ambientes doentios de luzes vermelhas ou azuis, ou os vejo nos loucos movimentos do «swing», em evoluções que mais não são do que a imitação bárbara das danças selvagens.

Os rapazes, a quem com mais propriedade poderemos chamar «os meninos» (no bairro de Alcântara insistem em chamar-lhes «pipis») amontoam-se às portas dos cafés em alcazarra infernal.

Os rapazes, a quem com mais propriedade poderemos chamar «os meninos» (no bairro de Alcântara insistem em chamar-lhes «pipis») amontoam-se às portas dos cafés em alcazarra infernal.

Os rapazes, a quem com mais propriedade poderemos chamar «os meninos» (no bairro de Alcântara insistem em chamar-lhes «pipis») amontoam-se às portas dos cafés em alcazarra infernal.

Os rapazes, a quem com mais propriedade poderemos chamar «os meninos» (no bairro de Alcântara insistem em chamar-lhes «pipis») amontoam-se às portas dos cafés em alcazarra infernal.

Abastecimento de água a Castro Marim

Fornecida pelo reservatório desta vila, já principiou o abastecimento domiciliário de água canalizada, à vizinha vila de Castro Marim, o que constitui um melhoramento digno de assinalar.

A Câmara Municipal de Castro Marim, enquanto não receber os contadores respectivos, estabeleceram um regime de avenças de 12500, 15500 e 20500, de harmonia com o número de residentes em cada moradia.

Falam das «motos», dos «espadas» (novo sinónimo de «automóvel») e às vezes do futebol. Falam em «malta» e em «camaradagem» a tórto e a direito. Atorçam-se com um copo de água do Luso e ao segundo «pirata», tomado ao balcão da tendinha dos Restauradores, ficam completamente embriagados (será isso uma prova do puritanismo crescente da nossa raça?!).

As raparigas, embora continuando a semear rosas celestes na nossa existência, devem aparecer aos olhos dos nossos avós como um bicho completamente novo do Universo.

Suponho que o primeiro disfarce lhes é imposto pela própria família, ao transformar-lhes os nomes próprios em diminutivos ridículos (A Mimi, a Néné, a Micas, a Mitó, a Zé, a Lena, a Lú, a Ró, a Bité, a Jijú, a Bé, a Milú, a Bábá, a Lili, a Tútú, a Belinha, e tantos outros, são nomes «sintéticos» muito em voga.)

A rapariga da capital tem, mais do que qualquer outra, e mais do que nunca, a preocupação de fugir à posição de «bibelot». Mistura-se, vive mais intensamente, transforme-se, ou tenta transformar-se, em mulher vertigem, debate-se inutilmente para materializar, endurecer, a sua feminilidade inata, natural, mais não conseguindo do que apenas dar-lhe novas formas. E assim, ao beber um «whisky» nunca deixará de fazer a careta de fraqueza, e ao andar na Feira Popular, com um cartucho de tremoços ou amendoins na mão, não deixará de atrair para as cascas, com o mesmo trejeito gracioso com que a sua trisavó terá atrado, da janela de grades, uma pétala de rosa ao seu bem-amado!

A ligação entre as raparigas e os rapazes são hoje, sem dúvida, mais completos no que se refere à lidação mútua; mas a pureza dos sentimentos, quando a há, mantem-se com as mesmas características de sempre. Hoje, a chamada «camaradagem», de que se usa e abusa, anula em grande parte a noção do que poderíamos chamar «o fruto proibido», quimera que porventura nos conduza aos momentos mais palpitantes e mais nobres da nossa vida. E assim, a rapariga, ao entregar-se aos estêries devaneios dessa «camaradagem», desvaloriza-se, e cria para si própria, tantas vezes, um verdadeiro problema para o seu futuro. Dessa desvalorização nasce ao rapaz, como conclusão de certo modo lógica, a noção de que no mundo quase não existe uma mulher que mereça o sacrifício da sua liberdade...

E a verdade é que, segundo consta, a Natureza disse à mulher: Sé bela, se tu podes; sábia, se tu queres; mas considerada, não deixes nunca de o ser!...

E pronto!, leitor amigo, já podes apregoar aos 4 ventos que em Lisboa também há «botas de elástico»!!!

J. M.

AGENDA

Movimento da Bota
de Vila Real de Santo António
Vendas efectuadas de 10 a 16 de Julho.

Traineiras:	
Carmela	24.505,00
S. Domingos	2.440,00
Batinha	6.090,00
Levante	4.240,00
Flor do Sul	4.060,00
Raulito	11.955,00
Maria Rosa	7.040,00
Deolinda Rita	20.350,00
Pérola do Guadiana	3.405,00
Norte	3.710,00
Leste	18.530,00
Liberta	12.080,00
Janita	2.700,00
Manuela	3.880,00
Flor do Guadiana	7.100,00
D. Fuas	5.530,00
Agadão	9.260,00
Pinguim	950,00
Tufão	1.670,00
Praia do Vau	1.730,00
Brisa	9.885,00
Tóluiz	175,00
Total	153.805,00

Atum da Costa Algarvia	
168 Atuns	162.833,20
36 Atuarros	20.003,30
36 Albacoras	12.959,20
58 Cachorretas	5.197,40
Total	200.993,10
215 Corvinas	8.100,00

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 18 a 24 de Julho a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

COMPRE E LEIA

«Quando a chuva cai»

contos de VERA PONCE DE LÉON

Nos nossos assinantes

Conforme oportunamente informamos os nossos estimados assinantes, estão em cobrança os recibos referentes ao primeiro período de assinatura, dos números 1 a 10 inclusivé, no importe de Esc. 9\$90.

Sendo a cobrança feita pelo correio, a todos solicitamos o favor de não deixarem devolver os referidos recibos.

As assinaturas das Colónias Portuguesas, e bem assim do Estrangeiro, agradecemos a sua remessa pela via mais rápida e económica.

LIGA PORTUGUESA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

consegue uma eficiência de acção que torna os seus esforços altamente produtivos e vantajosos, na defesa da saúde pública. Em 1951, o ministro da Saúde da França convidou os governos a enviarem representantes à primeira conferência internacional, reunida em assembleia constitutiva da futura União Internacional para a Educação Sanitária, realizada de 29 a 31 de Maio desse ano. Dessa reunião decisiva, em que Portugal teve assento, resultou uma comissão interina que se propôs lançar as bases orgânicas daquela União Internacional. De 28 a 31 de Maio do ano corrente, por fim, a segunda conferência internacional, reunida em Paris, decidiu a definitiva constituição da União Internacional para a Educação Sanitária. Aprovados os respectivos estatutos e eleito o conselho executivo, em que Portugal ficou representado, iniciaram-se os trabalhos de coordenação de esforços internacionais tendentes a agrupar as associações particulares dos diversos países, uma das quais é a Liga Portuguesa de Educação Sanitária, em boa hora criada.

Que pretende fazer a novel instituição em benefício da saúde pública? Em primeiro lugar, colaborar com os organismos oficiais que, por si só, não podem cumprir, integralmente, a tarefa vultosa que lhes respeita, sendo-lhes preciso a acção particular, conduzida no sentido de esclarecer, estimular, aconselhar, auxiliar todas as campanhas públicas. Em suma, como escrevia o articulista citado no citado artigo: «Apresenta-se-nos um trabalho, intenso e importante, de divulgação de noções higiénicas, através de um método essencialmente psicológico de adaptação à mentalidade, nível cultural, género da vida tradicional, crenças e, mesmo, das necessidades, preocupações e interesses locais das colectivi-

dades onde se actua. Há necessidade de transformar a sua atitude passiva em atitude activa de colaboração, não esquecendo nunca que as iniciativas privadas são, tantas vezes, verdadeiro impulso criador e renovador à acção educativa.» Estas palavras, pelo espírito de verdade que as informa, dispensam comentários de reforço, mas justificam todo o aplauso. Importa, acima de tudo, divulgar noções higiénicas e fomentar no público, premido pelos vulgares afazeres da vida quotidiana, o interesse pelos cuidados com a saúde pública, que, naturalmente, engloba os cuidados com a saúde particular. Da singularidade de se parte para a pluralidade. Quando todos sejam cuidadosos com eles mesmos, é evidente que a acção geral da colectividade, do ponto de vista dos cuidados com a saúde, reflectirá a acção especial do indivíduo.

A uma instituição como a Liga Portuguesa de Educação Sanitária não faltará que fazer. Educar, sanitariamente, o público é das coisas mais difíceis que se possam conceber, sendo preciso um esforço estrênuo para combater velhos hábitos e, sobretudo, para introduzir hábitos novos. Recordamo-nos do que a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, uma das instituições particulares portuguesas votadas à defesa da saúde pública que mais serviços tem prestado à causa que a nova instituição vai, no mais largo âmbito, defender, fez, há anos, para eliminar o pernicioso costume do pé descalço, que, além do repulso aspecto visual, tinha o perigoso aspecto higiénico a considerar. Os constantes esforços da Liga Portuguesa de Profilaxia Social no sentido de abolir, entre nós, tão degradante uso não lograram plena vitória, embora algumas vitórias parcelares se lhes devam. Como é óbvio, não se trata, apenas, de conseguir impor, oficialmente, a proibição de andar descalço. Certo público, mormente nas zonas rurais e no litoral, manifesta-se, por via de regra, refractário a toda a espécie de imposições que tenham a chancela oficial. Trata-se, também, e principalmente, de conseguir educar, sanitariamente, esse público, de modo a convencê-lo da necessidade de se calçar. Este exemplo, entre muitos

Cartas de Rodolfo Ruiz

(CONCLUSÃO DA 6.ª PAGINA)

Fortes Braços Direitos dos Gurus!...

—Mas que grande sarrilho murmurei eu atarantado...

—*C'est fantastique!* exclama entusiasmado de Bronzéac, gozando o escândalo. Sir William olha as serras distantes e não diz nada.

—*Et après?* pergunta de Bronzéac.

—E depois, pouco mais houve. Telegramas, imensos telegramas do Nepal para Londres e de Londres para o Nepal. As chancelarias trabalharam febrilmente, mas por fim lá se achou a solução sensata: E' convocada em Nova Delhi uma conferência da imprensa e, perante todos os jornalistas, Tenzing e Hillary, de mãos dadas, fazem ao mesmo tempo a seguinte declaração: «Nós afirmamos sob a nossa honra que pisámos ao mesmo tempo, e cada um com os dois pés, o cume do Monte Everest!...»

—Os dois ao mesmo tempo, e ambos com os dois pés?... perguntei eu perplexo.

—Com os dois pés e ambos no mesmíssimo segundo!... confirmou solenemente Jean Martinet.

—Grande coisa a diplomacia inglesa! afirmou de Bronzéac.

—Grande coisa o alpinismo! afirmei eu olhando ao longe as serras coroadas de neves eternas.

—Todas as coisas bem vistas, concordo com de Bronzéac, afirma então Sir William Greenwood. Alpinismo só de funicular! E' menos perigoso...

Teu Rodolfo

outros que poderíamos citar, prova, à saciedade, a urgência de coordenar esforços, para que duma acção geral resulte a ambicionada eficiência.

A Liga Portuguesa de Educação Sanitária vem, pois, preencher uma lacuna considerável na vida nacional. Aglutinando esforços dispersos, congregando boas vontades que, em acções isoladas, não frutificam como é mister, trabalhando em colaboração com o Governo, sem o que toda a acção assistencial e precária, muito poderá fazer pela «conservação da saúde», lema que importa respeitar e propagar. Saude-mos, pois, com sincero entusiasmo, a criação dum organismo tão útil e meritório como a Liga Portuguesa de Educação Sanitária, que chega na hora própria do ressurgimento nacional mais activo e operoso.

A. de Freitas

NOTÍCIAS PESSOAIS

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, no dia '6, dia de Nossa Senhora do Carmo, na Maternidade Alfredo Costa, em Lisboa, dando à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª Dr.ª D. Maria da Encarnação Ferreira Mendes de Vasconcelos, esposa do nosso presado amigo e assinante sr. Fernando Pego de Vasconcelos. Mãe e filha encontram-se bem.

Partidas e Chegadas

Afim de acompanhar sua mãe, sr.ª D. Cristina Cumbreira Ramirez, às Caldas de Monchique, onde vai fazer o seu habitual tratamento, esteve nesta vila o nosso querido amigo e assinante em Portimão, sr. António Ramirez, sócio-gerente da Litografia Aliança.

De visita a seu irmão, o nosso estimado amigo sr. Manuel da Silva Domingues, esteve nesta vila, a sr.ª D. Maria da Silva Domingues Beles, tendo já retirado para a Praia das Maças, onde tenciona passar a época balnear.

Encontra-se nesta vila, o sr. Fernando Alberto Calado Correia, aluno da faculdade de Medicina, filho do nosso estimado amigo e assinante sr. Ricardo Lino Correia, Agente do Banco Nacional Ultramarino em Vila Real de Santo António.

Também de visita a sua família, encontra-se nesta vila, o nosso presado assinante, sr. José António Madeira.

Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo sr. João Gomes Batista Junior, tesoureiro do Banco de Portugal, em Braga.

Falecimento

Em Loulé, donde era natural, faleceu o sr. José Gonçalves Rocheta, abastado proprietário e pessoa que disfrutava de geral estima pelas suas excelentes qualidades. Deixa viúva a sr.ª D. Henriqueta Espadinha Rocheta e era pai das sr.ªs D. Teresa Espadinha Rocheta Cassiano e D. Henriqueta Espadinha Rocheta, distinta professora do Liceu de Faro, e do sr. Dr. José Espadinha Rocheta, distinto fisiologista e director do Sanatório do Lumiar.

O saudoso extinto era ainda tio da sr.ª D. Maria da Conceição Corpas Rocheta Rua, esposa do sr. Dr. Jaime Guerreiro Rua, ilustre Director do nosso prezado colega «A Voz de Loulé», dos srs. Dr. Manuel Rocheta, ministro plenipotenciário em serviço no Ministério dos Negócios Estrangeiros, Comandante Daniel Rocheta, e dos nossos prezados amigos Dr. José Isidro Rocheta, distinto médico em Lisboa, e Joaquim Corpas Rocheta, ausente em África.

A' família enlutada «Notícias do Algarve» apresenta sentidas condolências.

«Diário do Alentejo»

Entrou no 22.º ano de publicidade o nosso prezado colega «Diário do Alentejo», de Beja, que editou, a propósito, um esplêndido número de 36 páginas, inserindo larga informação de todo o país.

Felicitemos este nosso colega, desejando-lhe as maiores prosperidades.

HOLLAND-AMERICA LINE

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZA COALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

"APPINGEDYK"

carrega em LISBOA em 25 de JULHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«LOCH RYAN» — 27 de Julho

«DALERDYK» — 6 de Agosto

«LOCH AVON» — 22 de Agosto

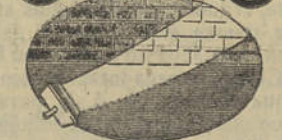
AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C. A. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

CEMPEXO



Uma grande marca Dinamarquesa

Recomendada para pintura de interiores e exteriores paredes muros frontarias de casas ou edificios e outras superfícies

NOVAS POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO CIVIL!

Depois de cuidadosos ensaios laboratoriais e práticos, apresentamos agora em Portugal tintas petrificantes especiais e hidrófugas que

RESISTEM A TUDO, SENDO LAVÁVEIS E DE FÁCIL EMPREGO

Pó que se mistura com água em 9 cores

PEDIR INFORMAÇÕES AOS DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

CEMPEXO

DE COR FIXA DURA MAIS RENDE MUITO

HENRIQUES & CASTRO, Lda.

TELEF. 75057 — AV. CONDE DE VALBOM, 96 — LISBOA

AGENTES { em Vila Real de Santo António — AGENCIA COMERCIAL E MARITIMA DO SUL
em Tavira — MARCELINO AUGUSTO GALHARDO
em Oihão — JOSÉ DE ARAGÃO BARROS

EÇA E FIALHO

EÇA DE QUEIROZ não era homem inclinado as polémicas literárias. Temia certamente as faufarrônicas dos nossos plumitivos ardentes, e o seu feitio de homem blasé, não tolerava o fragor dessas batalhas urdidas nos bastidores dos jornais ou ás mesas dos cafés. No entanto, quando os acontecimentos exigiam a sua intervenção, o autor de *O Crime do Padre Amaro*, sabia-se defender e devolveia com apuro e desenvoltura os golpes que os adversários lhe arremessavam. As suas respostas a Pinheiro Chagas — esse homem fatal — e a carta a Camilo, uma pequena obra prima de ironia, atestam em Eça um fogoso e disciplinado polemista. As relações entre Eça e Fialho nunca foram das mais cordiais. Fialho, à semelhança de um felino, que sabia do manuseio e preparo de venenos, servindo-nos da sua própria expressão — herdada de Camilo as terríveis armas da crítica, os processos rebarbativos que por vezes nem poupavam as próprias pessoas e que nem sempre se enquadravam na lisura e honestidade intelectuais. Toda a crítica de Fialho é escrita com vigor e alimentada de paixões. Impossível também exigir a um homem do temperamento de Fialho um comportamento diferente. Os seus escritos trazem a marca dum espírito rebelde, avesso a toda a disciplina, propenso á dureza e brutalidade, reflexos da sua vida atormentada e nada feliz. Ora, quem escreve em solicitação das paixões bruscas e momentâneas nem sempre pode ser justo ou coerente. Fialho enfermou dos vícios e defeitos da sua época.

Eça foi apenas para ele um dos maiores sensacionistas da literatura portuguesa. Negou-lhe originalidade, fraca estruturação romanesca; acusou-o de despaisado e que todo o seu estilo estava pejado de galicismos. De idênticos defeitos sofria a prosa opulenta de Fialho; e Eça, em resposta a uma crítica feita aos *Maias*, no seu estilo inimitável de uma fina e quase pífida ironia, lembra ao seu caro confrade os mesmos pecadilhos: *V., por outro lado, nunca tomou a pena, que não fosse para cair sobre os homens e as coisas do seu tempo, com um vigor, uma veia, um espírito, um éclat que fazem sempre a minha delícia. E quando eu faço o mesmo, com mais moderação, infinitas cautelas, e uma touche três just — você aparece-me, e grita «aquí d'El-Rei Patriotas». E' escandaloso. Para vocês tudo é permitido: galicismos á farta, pilhérias á pátria á bouche que veus-tu! A mim, nada me é permitido! Ora sêbo!»*

Basta cotejar os dois artigos de Fialho publicados em *O Contemporâneo* e no *Brasil-Portugal*, que se encontram reunidos no livro póstumo «Figuras de Destaque» para avaliarmos a veracidade das suas impressões sobre a obra do Eça, e reconhecemos a hostilidade ao autor de *O Crime do Padre Amaro*, escreve Fialho no seu artigo de *O Contemporâneo*: «Guardo preciosamente esse texto, a quem devo um reviramento mental, tão intenso que bem poderia ser comparado a um desabamento.» «A vida da cidade de provincia vive tão minuciosa como se vista a microscópio, e as figuras passam, conversam, intrigam.

POR
RODRIGUES PENNA

oram cu pecam, como nós temos visto viver, morrer, passar, conversar e pecar um mundo que passou por nos nalgum período forasteiro da nossa existência.» E depois de explanar os processos de Flaubert e Balzac, de se entusiasmar por essa literatura e de apontar aos literatos do país; depois de descrever as teorias de Zola sobre arte, Fialho continua no mesmo tom de homem satisfeito: *Eça de Queiroz compreendeu melhor, com a sua prodigiosa sagacidade de artista, como o romance moderno aspira a ser a fotografia da sociedade, surpreendia no seu labutar constante ou na sua atonia de decadência.»* Fialho nesse artigo não só se entusiasma com os processos literários de Eça como lhe dá a sua inteira adesão. Mas ainda vai mais longe: a sua crítica quase roça pelo panegirico. Rebelar-se contra aqueles que vêm na obra do Eça uma galeria de tipos sórdidos e imorais. *Já lhe censuraram nos livros, o predomínio dos tipos grotescos, viciosos ou maus, sobre as figuras honestas, cristalizadas em evangélica bondade. Agora sêbo, nunca vi que nesta decadência de costumes, os bons predominassem, com o relêvo das grandes figuras.»* E acaba o artigo chamando a Eça um grande analista. Mas o artigo do *Portugal-Brasil* é escrito num tom completamente diferente; Fialho deixou de ser o aguarelista; vai encharcar as paletas em cores mais pesadas e sombrias. O quadro que agora nos apresenta é uma violenta e pesada água-forte. O retrato físico de Eça descrito magnificamente acusa já o pesadelo das cores; é um retrato quase acintoso, onde a cultura médica de Fialho o auxilia em pinceladas duras, vigorosas. Lá se encontram aquelas expressões que só Fialho como privilegiado prosador sabia explorar e achar na nossa lingua: *um poste de osso suspendendo fios eléctricos; elegância de cabide, e ou-*

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

GAZETILHA FUTEBOL

Como no nosso jornal este assunto capital não tem sido assinalado, vamos então divagar sobre o Torneio Popular há pouco realizado.

Todos os anos, no verão, é grande a animação pelo Torneio dada à terra; reina forte efervescência por conhecer-se a excelência dos *teams* que estão na berra.

Da época a «Flôr de Liz» foi vedeta, chamariz, venceu pela vez primeira, «Celeiro», «Atlético» e «Porto», mostraram-lhe o caso tórto, alegrando a bilheteira.

O «Náutico», ressurgiu, o «Lazareto», fugiu... O «Hortalense», marcou, houve alguma bordada mas no fim «não houve nada» e tudo em bem acabou...

BIN OCLO

PARA SI minha Senhora

Vestidos de noite

por Noémia Gil Faria

DURANTE muitos anos apenas se pensava em vestidos de noite por ocasião do Natal e do Ano Novo, no Carnaval, na abertura da ópera e, muito ocasionalmente, para alguma outra festa de mais rigor. Dezembro, Janeiro e Fevereiro eram os meses destinados a mandar fazer esses vestidos. Hoje não é bem assim. Todo o ano há recepções, espectáculos e bailes para os quais é de rigor o vestido de noite e, mesmo quando chegam os meses de Marias, ele é, muitas vezes, indispensável. Se resolvemos partir num cruzeiro marítimo, é necessário para as noites frequentes de festa; quando não seja barco que o exija mesmo todos os dias à hora de jantar. Se partirmos por terra; a passar uns dias em país estrangeiro, também não o podemos esquecer. Há, por esse mundo fora, muitos espectáculos interessantes onde não poderíamos entrar sem o vestido comprido. Até na pacatez de umas terras ou de uma praia aparece, sem o esperarmos, o baile de beneficência, a que não podemos quase sempre recusar-nos a comparecer. E, como se tudo isto fosse pouco, os costureiros de Paris, entusiasmados com os muitos festejos da Coroação da Rainha da Inglaterra, apresentaram, recentemente; modelos, tentadores, que fizeram perder a cabeça a muita elegantesinha.

Nos modelos apresentados viram-se bastantes de saia esguia, mas o que não há dúvida é de que a vedeta de 1953 é a «crinolina». Não uma crinolina armada sobre barbas de baleia, mas, em todo o caso, com muita roda e vestida por cima de três ou quatro saias a que se não poupou a goma.

Quanto a tecidos, podemos dizer que, nas crinolinas, se usam todos, menos aquele que há uns três meses tinha mais adeptos: a lã. O tecido ideal para as grandes rodas é, porém, a «faillie» e, a seguir, o setim. Este assusta um pouco as senhoras menos magras, mas os setins modernos são tão maleáveis que não engrossam, na verdade, nada. Depois do setim, temos o «taffetà» e o «moiré», o primeiro mais delicado, o segundo reservado para os vestidos de grande estilo. Seguidamente vem o tule liso ou bordado. Por último, as lindas e modernas «organza» e «taffetanza» e, ainda, as musselinas lisas, bordadas ou estampadas, as gazes, os «chiffon» e toda a colecção dos lindos tecidos que nascem com uma estação e morrem com ela.

Falámos já dos feitios e dos tecidos. Lancemos, agora, um rápido golpe de vista pelas garnições. Nos vestidos lisos usam-se imenso os bordados, seja com sedas de coloridos fortes, seja com pedras ou lantejoulas. Quando os ombros se mostram demasiado, é de rigor a «écharpe» no mesmo tecido do vestido ou em tecido diferente, mais vaporoso, lisa ou bordada, empregueada ou plissada. Vê-se muito a estola de pele e uma «écharpe» de lã a que os parisienses chamam, não sei porquê, «coloniense». E todas às riscas, em tons fortes de amarelo, vermelho, azul e verde.

As cores para os vestidos de noite parece irem fugindo um pouco dos lindos tons pastel. Ainda como efeito do Ano da Coroação vê-se muito o vermelho púrpuro, o «azul coroação», o «vermelho etrusco» (um tom que é um achado para as morenas) e, enfim, um azul moderno, maravilhoso principalmente quando o tecido é de setim, num tom muito especial, um pouco mais claro do que o azul marinho, e o preto.

As luvas usam-se muito altas, feitas de renda ou bordadas com lantejoulas ou missangas.

E, como remate, uma flor ou um raminho de flores, sempre de cores vivas, seja o vermelho de uma rosa «Príncipe Negro», seja o amarelo, tão especial, de um ramo de junquinhos.

J. Mateus & C.ª

OURO - PRATAS
RELÓGIOS - JOIAS

TELEFONE 79

Rua Teófilo Braga, n.º 30, 30-A e 31

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O MEU ALGARVE

A memória de João Lúcio

Quero cantar o meu Algarve presente
Nos olhos e no sangue
Na simplicidade de cada gesto
No sonho da infância
E em ti.

Em ti princesa
Que eu arranquei das lendas moiras,
Com lábios azuis,
E cavaleiros de sombra vigiando a meia-noite
Em corcéis de espuma atlântica,
Enquanto me sorrias
E murmuravas
— Vem!...

Oh! doçura de acreditar nas verdades arrancadas das
[páginas velhas dos livros;
Oh! mistério de ser criança ainda, como há anos,
E pedir histórias de fantasmas com vestidos de neve
[retalhados das amendoeiras.

Quando o sol cair além (na serra),
E as vagas contarem à terra uma loucura antiga,
Eu serei contigo — princesa doutras eras,
Meu amor-fantasma!

ARMANDO LOPES

ATRAVÉS DO PASSADO

A EVOLUÇÃO DA PESCA

FOR

MARCOS ALGARVE

O POETA francês João Richepin foi primeiro marinheiro e depois poeta. Do Mar extraiu sinfonias modelares, e versos inspirados que o colocaram na vanguarda dos bons poetas do seu tempo.

Veio uma vez a Lisboa realizar conferências públicas que tiveram esplendida aceitação.

Em uma dessas conferências, Richepin enumerou as riquezas que o Mar contém e na descrição do valor medicinal das algas foi de uma eloquência grandiosa e empolgante.

Julio Verne, nas suas viagens maravilhosas, encheu o Mundo de observações cintilantes, narrações aventurosas, dramas marítimos em que a sua alma de bretão se comprazia, de preferência, apresentar noções da flora e da fauna marítimas. Esses livros eram infinitamente superiores às novelas americanas com assaltos e monstruosidades repelentes.

Nasci à beira-mar e o Oceano foi para mim, desde verdes anos, uma miragem tentadora.

Em Olhão da minha infância, o mestre Zé Dentinho e o mestre Zé Coelho davam leis na terra com as suas artes de pesca e as suas companhias de homens e moços insubmissos, faladores e valentes. Redes de arrasto que os bateis e os calões dispunham arditosamente em linha de cerco era a estratégia usada.

Muitos anos decorridos, a pesca da sardinha ali e em outras terras de pescadores evolucionou. Apareceram as primeiras armações fixas e os primeiros mirantes olhanenses por cima das agoteiras mouriscas. Os mirantes pertenciam aos donos das armações que, de binóculo em punho, varriam os mares para descobrir as velas enfunadas das embarcações que vinham trazer peixe para a lota.

Por largo tempo essa gente viveu bem, tanto mais que já ali se instalara a Fábrica Delory uma firma francesa que se vira torçada a procurar no Algarve a sardinha que emigrara da costa da Bretanha.

A pesca, porém, não estacionou naquela modalidade fixa. Lentamente surgiram os cercos movidos à vela e a remo, a pesca entrara a modificar-se, a perseguir os cardumes de sardinha, cavala e carapau. A perseguição ao peixe miúdo movimentava-se, progredia. De su-

bito, começou a ouvir-se falar em cercos americanos, uma nova forma de surpreender os cardumes de sardinha.

Estes cercos a vapor tiveram então os seus dias de glória e proveito...

Uma outra inovação apareceu em Inglaterra, América do Norte e França: traineiras, cercos de pequena tonelagem.

Em Espanha e Portugal entrou imediatamente a moda das traineiras, como quem diz uma nova arma de combate à sardinha, considerada a matéria prima das fábricas de conserva no Algarve.

A pesca do atum, ultimamente também sofreu uma alteração profunda: a chegada dos barcos atuneiros.

Estes percorrem o Oceano em várias direcções na pesca intensiva do atum.

Vamos agora incluir neste breve relato alguns comentários de ordem crítica e filosófica.

Os atuns e as sardinhas, duas espécies marítimas que dão bons lucros aos que vivem directa e indirectamente da pesca e da conserva, contam com dois inimigos terríveis — o roaz e o peixe espada. São inimigos naturais que ninguém consegue suprimir.

Hoje, nos últimos tempos apareceu o radar que os ingleses se ufam da sua descoberta. Do radar germinaram as sondas magnéticas que localizam a presença dos cardumes de peixe em águas baixas ou fundas.

Cautela, pescadores! A fauna do Mar e a fauna da Terra possuem, como o homem, o instinto de conservação, o amor à vida e à descendência...

Atrontar as leis da existência animal no homem ou noutro animal qualquer, é obrigar à defesa urgente, ao desaparecimento, à emigração para longas terras ou longas mares...

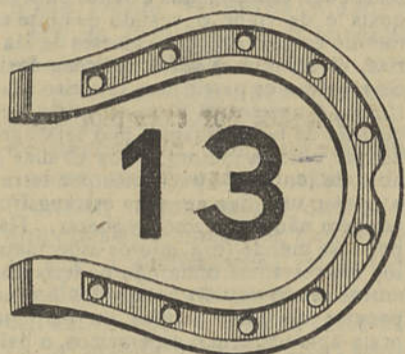
Comecei esta crónica com o perfil de um brilhante poeta francês do século passado e vou encerrá-la falando em um vibrante poeta português — Guilherme Braga.

Da mesma época e da mesma estatura inovadora de Richepin, foi ele que marchou à frente dos escritores naturalistas portugueses.

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS
de Consumo e Exportação
QUE MARCA



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Pro-
vador desta casa
é o seu Proprietário

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos
extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região,
aguardente de ginja, e mel centrifugado

**Preços em concorrência
para todos os mercados**

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:
«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»
«MINHA ULTIMA MARCA»
e «AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»

Produtos vinicos 100 por cento

Execução rápida de todas as encomendas
Vendas com garantia de baixa
Compras a dinheiro, vendas a prazo

AGENTES EM:

AFRICA e BRAZIL

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.^{os} 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal
Credit Franco-Portugais
London & South America Limited
Borges & Irmão
Nacional Ultramarino
Angola
Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Português do Atlântico
Caixa Geral de Depósitos

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO-Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefones { 13 - Cartaxo
27 - Ericeira
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, L.^{da} - S. Mamede Riba Tua

EÇA E FIALHO

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

traz tantas que acusam a garra do autor de *A Cidade do Vício*. Começa então por aludir à «disparatada apoteóse, dos encómios bombásticos, das farólias exultativas d'alguns jornalistas inconscios da justiça e rebeldes do critério do justo meio». Esqueceu os elogios feitos em *O Contemporâneo*, agora emparceira na procissão dos literatos que não incensam o autor de *A Ilustre Casa de Ramires*; a sua atitude é diferente, a sua linguagem vem cheia de reticências e até de diatribes. O grande analista tornou-se um escritor fútil, um desenhador mediocre de caracteres, um sensacionalista, o maior sensacionalista contemporâneo. Agora faz coro com aqueles que gritavam que a galeria dos personagens da obra de Eça eram apenas mentecaptos e tipos sórdidos. Fialho, torna-se assim, um epígono da Academia que recusara o prémio ao romance *A Reliquia*, apresentando idênticas razões ás apontadas por Pinheiro Chagas, esse turiferário dos bons costumes e das graciosas maneiras em literatura. E Fialho repisa as críticas estafadas dos românticos e dos adversários da Geração de 70: *Uma galeria estranha de grotescos, Retratos-charge, ligados por um fio de melodrama inverosímil. Reputa Os Maias e A Reliquia, como: Humoradas cruéis, de diabo coxo, judiarias de picaro em licença de vinho iconoclasta, irmã gêmea das caricaturas do Bordalo, do que propriamente substâncias dramáticas, autópsias sobre o vício, fatias de mundo, latejantes do golpe, a escorrer o sangue arterial da gorça viril, do instinto amoroso, da consciência crítica e da acção.* Nestas palavras reconhece-se ainda o Fialho, é ainda o velho gato assanhado que fala, o iconoclasta das grandes empreitadas demolidoras, mas a sua voz tem outros ressaibos, é uma voz, oh céus! que fala com medo das grandes tenebrosidades morais do Eça. Uma ideia, no entanto, o conforta, o saber que o povo português «esses cinco milhões não têm que ver com Eça de Queiroz, e a própria barbaria os salva de, lendo a obra do artista, se poderem tornar em outros tantos milhões de malandrins. Eis um Fialho acaciano, moralista, usando essas lunetas que deformam as imagens. Analisando a obra de Eça procede como qualquer crítico superficial e tendencioso. Atola-se no lamaçal das convenções. Já não é o Fialho dos momentos lucidos de crítica, mas sim o homem que desdenha e acutila um adversário que está do outro lado da barricada. Até o estilo de Eça lhe serve para reparos: «a pobreza estrutural do estilo, e a miséria profunda do vocabulário repisado.» No *Contemporâneo*, afastado das labaredas da paixão, escrevera uma crítica honesta, apontando os méritos que se não podem negar na obra do Eça; no *Portugal-Brasil*, vasa todo o seu despeito e mau humor contra um escritor a quem chama o maior sensacionalista, e lhe nega todas as magníficas qualidades de escritor.

Pelas passagens transcritas dos artigos de Fialho, o leitor avaliará das discordâncias e desencontros das opiniões do autor do *País das Uvas*. Tanto Eça como Fialho honraram e prestigiaram as nossas letras, ambos merecem, da mesma forma, a nossa

admiração. Esses atritos e aborrecidas questúnculas entre os nossos escritores são quase inevitáveis num meio sorna e pobre como é o nosso meio intelectual. Eça tem merecido ultimamente a observação e análise dos escritores e jornalistas contemporâneos; Fialho, está hoje quase esquecido, é um escritor sem biografos e sem leitores. Já uma vez tivemos ocasião de escrever que o Fialho vivo, o verdadeiro Fialho para nós e o autor de *O País das Uvas* e dos *Contos* o empolgante narrador de *Os Ceifeiros* e de outras tantas composições onde ele colocou o melhor da sua ternura e da sua bondade. O outro, o Fialho rebarbativo, o iconoclasta, o rebelde, o franco-atirador das batalhas duras e apaixonadas da sua existência — esse pertence à sua época.

Rodrigues Pena

História de Vila Nova de Cacela

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

seu domínio como de resto a todo o Algarve, talvez porque sendo Cacela bom porto de mar, servisse admiravelmente o comércio que estabeleceram com os seus irmãos de além-mar e ainda por servir de porto de abrigo à sua frota, que dali protegia as várias passagens de África para Espanha.

No Século X, foi Cacela castelo feudo dos Beni Barraje, da família dos Berberiscos, que nos tempos dos hajibe Almançar de Córdova, deu ao Califado e ao Algarve, o mais célebre poeta do tempo, Ibne-Darraje, Al-Castali — O Cacelense —, o divino cantor das glórias do Amirida, o sublime carpideiro da morte da Sultana Aurora, mãe de Hixame I, aquele que havia de cantar as acúenas como ninguém, e que havia de morrer em Saragoça, chorando de saudades por Córdova, dizendo:

«Córdova!
«Onde se desenrolaram os meus caracóis de criança.»

Durante mais de um século, foram os Beni-Darraje os Senhores de Cacela, de tal modo que chegaram a dar-lhe o nome.

Para distinguir Castala do Ocidente da Castala do Oriente, perto de Valência, dizia-se, — Castala Darraje.

Tanto a engrandeceram os Mouros, que em 1240, quando D. Sancho II a conquistou, fez dela doação a D. Paio Peres Correia, Mestre da Ordem de S. Tiago, em sinal de reconhecimento do auxílio prestado por esse valente cabo de guerra, nesse glorioso feito de armas. Por tal, ficou ela sendo cabeça de comenda.

Esta doação, feita em 18 de Fevereiro de 1240, deu origem a contínuos pleitos entre os Mestres da Ordem, os Reis, os Bispos e seus Cabidos.

Na Torre do Tombo, existe um livro denominado dos «Copos», que pertenceu ao convento de Palmeira, que nos dá uma composição, a fls. 193, feita em Sevilha em Abril de 1263, entre o Bispo de Silves e um Cabido, por uma parte e da outra, D. Paio Peres Correia, Mestre da Cavalaria da Ordem de S. Tiago, os Freires e o Capitulo Geral, da mesma Ordem, para determinar os direitos e desenhos de cada uma das partes, de Cacela e Ayamonte.

Mas não ficaram por aqui. Outras questões se levantaram e novos acordos se seguiram, sem se lograr alcançar melhores resultados. Em 1272, 1299, 1318, 1535, etc., etc.

Isto prova a grande importância de Cacela, pelo menos até esta data.

Daqui em diante, começa a sua decadência, assunto a que nos havemos de referir em outra parte, indicando devidamente, os fenómenos naturais e ocasionais que a determinaram.

Manuel dos Santos Cabanas

Este número do «Notícias do Algarve» tem 6 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

Auto utilitário

Vende-se barato, em bom estado. Motivo de retirada do seu proprietário.
Informa Galuppo — Olhão.

Através do Passado

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

O leitor ribeirinho talvez descubra na minha tirada piscatória uma inútil divagação. Engana-se. Um artista que olha a pesca e a caça com olhos sentimentais, encontra nelas, elevadamente, eternas fontes de poesia que são a base meditativa dos enigmas do Universo.

Quando o Romantismo entrava na agonia, o lírico Tomaz Ribeiro publicou «A Delfina do Mal» e Guilherme Braga replicou-lhe com «O Mal da Delfina», uma rajada de poesias sociais.

É das «Éras e Violetas», o seu melhor livro de versos, que eu extraio o epílogo das minhas considerações sobre a pesca na minha província.

A aviação, por exemplo, é um meio de transporte rápido e cómodo—segundo ouço dizer. Apesar dessas vantagens agradáveis, todos os dias as emissoras e os grandes diários nos transmitem a imensidade de gente que é vítima da aviação.

A catástrofe do «Torino», ha cerca de um mês um avião despenhou-se com 127 pessoas, outro com 75 e é um nunca acabar de desgraças.

Santos Dumont, o grande precursor da aviação, suicidou-se ao reconhecer que o seu invento em vez de aproximar os povos se converteu em uma arma fratricida...

Guilherme Braga, como já elucidei, era um espírito progressivo que amava as ideias novas e todas as manifestações emanadas da Ciência e do Trabalho. Mas, em um momento de serenidade e reflexão, escreveu estas rimas:

*O homem é grande! Aos impulsos
Das suas novas ideias
Todas as velhas cadeias
Vão largando os roxos pulsos.*

*Tudo seu génio renova,
Tudo... exceptuando o Destino.
Ora, um dia, à voz dum sino,
Abrem-se as fauces da cova...*

*Ail tudo é pó! Quando eu cismo
Nestes mistérios da vida,
Minha alma, absorta e perdida,
Vaga de abismo em abismo!*

Marcos Algarve

Agradecimento

Manuel Augusto de Sousa, e seus filhos, vêm muito reconhecidos, agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral da sua muito querida e saudosa esposa e mãe — Maria Jardelina de Sousa — e recaindo incorrer em qualquer falta, embora involuntária, vem por este meio repará-la, protestando a todos o eterno e perdurável agradecimento.
Monte Gordo, 15 de Julho de 1953

Lusitano F. Clube

Vila Real de Santo António

CONVOCAÇÃO

Nos termos do art.º 23.º dos Estatutos, e com Autorização Superior, convoco a assembleia geral do clube a reunir, em 1.ª convocação, no dia 24 de Julho corrente, pelas 21 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Apreciar e deliberar sobre o relatório e contas da Comissão Administrativa, durante o seu mandato.

2.º — Eleger os corpos gerentes do Clube.

No caso de á hora marcada não comparecer número suficiente de associados, a Assembleia deliberará, em 2.ª convocação, uma hora depois, com qualquer número, nos termos do § 2.º do mesmo art.º 23.º.

Vila Real de Santo António, 15 de Julho de 1953.

Pela Comissão Administrativa
O Presidente,

Dr. António Celorico Drago

DESPORTO

EM TRABALHO de divulgação dos benefícios do Desporto e em matéria analítica da verdadeira ética desportiva, o artigo publicado há poucos meses no jornal «O Benfica» da autoria do sr. Dr. Augusto de Castro, é das melhores coisas que têm vindo a público, na nossa imprensa.

Com a devida vénia, transcrevemos algumas passagens da brilhantíssima composição:

«O Desporto não é apenas uma escola de juventude, é também uma aprendizagem moral. Ensina a decisão, o espírito de perseverança: é, pelo ensinamento, a que obriga, de lealdade física, uma escola de carácter, de calma coragem, de solidariedade social. Por mais paradoxal que isso pareça, o Desporto é uma das grandes forças espirituais do nosso tempo: o Desporto é a luta, condição natural do homem — sem o conflito. Cria a camaradagem na sua ampla expressão social. De todas as forças de sociabilidade humana, capazes de formar uma melhor vida no nosso agitado e dividido tempo, o Desporto é a maior e a mais activa».

Nós, que em desporto, fomos sempre um tanto idealistas — permitam-me a imodéstia — e pelo qual temos sempre pugnado em defesa das suas verdadeiras normas e finalidades, registamos aqui, com sincera satisfação, algumas das afirmações daquele talentoso jornalista, crentes que os jovens desportistas Vilarrealenses gostarão de as ler, e saberão tirar delas proveito para a sua formação desportiva.

* * *

Hoje no campo de jogos F. Gomes Socorro, realizar-se-á um encontro de futebol entre um grupo formado pelos componentes da equipa do Lusitano de 1947, que ascendeu à divisão maior, e outra com actuais jogadores do mesmo Clube, reforçada com alguns dos melhores elementos saídos na época finda. Está o encontro a despertar muito interesse no público desportivo local que terá oportunidade de presenciar não só alguns dos melhores jogadores nacionais da actualidade, como também outros, já retirados da actividade, que, com os primeiros, tantas tardes de júbilo proporcionaram ao futebol da nossa terra.

* * *

No domingo findo, com muito público e em complemento do último torneio popular de futebol, ganho brilhantemente pela Flor de Liz — realizaram-se três encontros entre os grupos concorrentes, para disputa de outras tantas taças. Saíram vencedoras as equipas do Clube Náutico, Atlético e Porto, que derrotaram, respectivamente, as do Celeiro, do Hortalense e a da Flor de Liz.

Dois dos jogos foram bem disputados. Com energia, entusiasmo e lances de bom recorte. O outro, porém, foi eivado de cenas lamentáveis. Incorreções, falta de respeito e jogadas de pôr os cabelos de pé.

Estamos no fim da época e nada há agora a fazer. Para o ano, todavia, se se quiser continuar com estes torneios, têm de ser revistas, fundamentalmente, as bases da sua organização. Contra o que muitos pensam, ousamos afirmar não ser tão difícil como parece o controle e a manutenção da disciplina. Basta para tanto: a) O regulamento da prova não ser elaborado à base e nos moldes dos regulamentos dos campeonatos oficiais, mas sim com directrizes que a experiência de 5 ou 6 torneios já realizados nos aponte como mais convenientes; b) Não autorizar a inscrição de meia dúzia de elementos que uma vez com botas de futebol, parece perder a noção mais rudimentar do respeito devido ao seu semelhante; c) Os dirigentes da prova, naquilo que deve consistir a sua primordial preocupação (a manutenção da disciplina e a criação do espírito desportivo) não se prenderem excessivamente à letra do regulamento (que, por muito cautelosamente redigido e elaborado, deixa sempre em aberto casos não previstos e expressões dúbias) e possuírem nos momentos necessários a devida coragem para resolverem os assuntos, segundo a sua consciência e o espírito que deve orientar estes torneios.

L. C.

Senhores Proprietários

Ao escolherdes um grupo para Roga—dovéis preferir um WISCONSIN

PORQUÊ?

Porque possui motor WISCONSIN de mais baixa rotação, 1.600 rotações por minuto

ISTO SIGNIFICA LONGA DURAÇÃO

POTENCIAS DE 2,75/4,3 H. P. e de 3,5/6 H. P.

MAGNETO ISOLADO DE ALTA CAPACIDADE significa arranque facilimo

CARBURADOR ZENITH ou STROMBERG representa grande economia de combustível

FILTRO DE AR a banho de óleo — Impede que as poeiras e areias penetrem no motor

UM GRUPO COM APERFEIÇOAMENTOS QUE NENHUM OUTRO POSSUI

AGENTES EM PORTUGAL

CASA CAPUCHO - Rua de S. Paulo, 113—LISBOA

Em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

TELEFONE N.º 76

CARTAS DE RODOLFO RUIZ

Algures na Suíssa

Julho de 1953

Meu Caro Zé

UM GAZON muito verde. Em cima do gazon verde uma mesa muito tosca, feita de um grande tronco de árvore. Em cima da mesa *martinis* gelados e à volta dela, em confortáveis cadeirões de verga, o Marquez de Bronzéac, Sir William Greenwood, Jean Mainet (o conhecido guia alpinista), e eu. Local: *Algures* na Suíssa — e com esta imprecisa indicação visualizas logo com precisão a clássica paisagem que nos rodeia. Como é simples e cómodo! Ao longe, magestosas serras com os píncaros coroados de neves eternas; pelas encostas, alcandorados graciosamente, *chalets* de madeira com varandins rendilhados e floridos — um até que eu distingo perfeitamente, é a cópia fiel da caixa de charutos que tens em cima da tua mesa de trabalho, e não fóra a distância que me separa dele, não resistiria à tentação de lhe levantar o telhado e de pôr a tocar a *Avé Maria* de Gounod ou o *Danúbio Azul* de Strauss; nos suaves declives, cobertos de relva fresca e húmida, gordas manadas pastam pacientemente e com a satisfação regalada dos bem instalados na vida; em baixo, translúcido e azul, um lago, que tanto pode ser o Lehman como o dos Quatro Cantões; em cima, um céu pouco colorido e sem personalidade; e tudo envolvendo, em paz e em sossêgo, uma límpida atmosfera, seca e sãdia, que nos dá saúde e nos abre o apetite!

— *Quelle joie de vivre!* comenta o marquez respirando fundo e com gozo.

— Uma delícia! concordei eu molhando os lábios no *martini* gelado.

São nove horas da manhã e como é Domingo, dia de Deus, repicam sinos nas torres das igrejas, chamando os fiéis para a missa, e como é dia de descanso e de repouso, passam ranchos suados de rapazes e de raparigas com mochilas às costas, picaretas nas mãos, grossos rolos de cordas a tiracolo e arrastando pés pesados enfiados em separadoras enormes, que têm nas solas pregos enormes, que batendo no lagado põe no ar sons metálicos que me fazem lembrar legiões romanas e épicas travessias dos Alpes!

Sir William, lançando em redor um olhar deliciado, sustentou:

— Não conheço no mundo terra mais agradável onde passar um *week-end!*

— Um *week-end*, d'acordo, disse de Bronzéac — o parisiense. Terra muito repousante, mas muito monótona, esta Suíssa! Impossível dar dois passos sem se esbarrar com os Alpes, e se não se tem cuidado, ao virar dum esquina, cai-se num lago! São contratemplos sérios!...

— De facto é preciso cuidado! disse eu cautelosamente.

— E depois, continuou o Marquez, não se tem aqui a agradável sensação do desconhecido. Tudo já muito descrito e fotografado! Antes de chegar já se viu tudo nos bilhetes postais! A Suíssa está super civilizada, tem ordem de mais. Por oda a parte letreiros, cartazes, indicações... Não há memória

POR
JOSÉ DE BASTO

dum turista se ter perdido numa estrada erma. Não há estradas ermas na Suíssa! De quilómetro a quilómetro há uma casa de chá!...

— Bem cómodo! murmurou Sir William que adora o chá...

— E falta aquele prazer infame de se dirigir ao indígena e de lhe fazer perguntas por meio de gestos — porque se não fala a língua do indígena! *Aqui* o indígena fala sempre a nossa língua — quer ela seja o inglês, o alemão, o francês ou o italiano!...

— Irra! E' saber de mais para um país tão pequeno! rosnou de Bronzéac. Em França só os professores de língua é que sabem línguas...

Eu, tentando agradar o suíço, sorvia calmamente o seu *martini*, fui dizendo que me parecia que a ordem era coisa aprazível que tornava a vida mais fácil e mais suave. Mas o Marquez não concordou:

— As coisas demasiadamente ordenadas tiram encantos à vida! Como seria agradável, por exemplo, apeteer subir aquela serra e ter mesmo de a escalar!

— Mas porque não a escala Marquez? pergunta Jean Martinet o alpinista suíço.

— Para não ferir a vossa susceptibilidade, responde o diplomata francês.

— Essa agora! lancei eu atônito.

— Claro, *mon cher ami*, diz de Bronzéac com o seu melhor sorriso gaulês.

Na Suíssa a cada píncaro corresponde necessariamente um funicular — e como os nativos não se utilizam dele, haja em vista os rapazes e as raparigas com sapatorras ferradas que passam, é óbvio que o funicular é para uso de nós os estrangeiros: logo, grande descortezia se o não utilizássemos...

O suíço encabulou. Para serenar os ares eu adiantei então com convicção.

— Grande coisa o alpinismo! Um belo desporto! A escalada do Everest — que epopeia grandiosa! Mais uma página de glória para a loglaterra!

— Uma página que podia ter sido de sangue! diz Sir William soturnamente...

— De sangue?

— De sangue! Uma guerra! O diabo!

— Mas, felizmente tudo se limitou a um simples incidente diplomático, afirma Jean Martinet.

— Voce sabe o que passou? pergunta Sir William. Eu pensava que o caso não tinha transporte as portas pesadas das chancelarias...

— O meu clube teve conhecimento do incidente em todos os seus detalhes elucidou Martinet com simplicidade.

— Conte-nos a coisa, amigo Martinet, replica o Marquez já cheio de curiosidade diplomática.

— Muito simples o que aconteceu, conta então Martinet. Quando Hillary e o Sherpa Tenzing regressaram do Everest e chegaram ao primeiro acampamento onde os esperava o Coronel Hunt, chefe da expedição e outros camaradas, os ingleses entusiasmados e cheios de bem compreensível patriotismo desataram aos *hurrahs!* e viva a Inglaterra e viva Hillary, o pri-

meiro homem que pôs os pés no cume do Everest!...

— Tudo quanto há de mais natural, comentei eu.

— Pois claro, concordou Martinet, mas dá-se o caso que no meio dos *hurrahs* e dos vivas houve um pequeno contratempo desagradável, muito desagradável... O Sherpa Tenzing, assim que se poud fazer ouvir, disse mansamente mas com imensa convicção: «Perdão meus queridos amigos ingleses, há aqui um errozinho. O primeiro homem que pôs os pés no cume do Everest fui eu. O amigo Hillary veio a seguir, fui eu até que o icei!...» Creio que se fez então naquelas regiões geladas um frio muito mais gelado... e a descida pela serra abaixo foi soturna. Mas por todo o reino do Nepal, onde a notícia chegara célere, o entusiasmo foi inenarrável. Tenzing o primeiro homem que atingiu o cume do Everest foi guandado a heroi nacional. Por toda a parte multidões o aclamavam e Hillary passou a segundo plano! Mas havia que salvar a honra da expedição inglesa. Então, os telegramas oficiais são expedidos (pelos ingleses) para a Rainha e para o mundo inteiro e anunciam com firmeza e sem vacilar que Hillary foi o primeiro a atingir o célebre cume! O mundo acreditou nos telegramas mas a gente do Nepal continuou a acreditar em Tenzing, e protestou ruidosamente. Há tumultos nas ruas. Os ingleses são vaiados. O governo proclama o Sherpa benemérito da Pátria e o dia da ascensão feriado nacional! O povo delira e o rei Tribhuvan, que aneia por apertar nos braços reais o heroi, põe às suas ordens para o transportar a Nova Delhi o seu avião particular. Os ingleses, esses, sem avião tiveram de ir de comboio... A Rainha Elizabeth condecora então Hillary, mas esquece-se de Tenzing. O rei Tribhuvan riposta, concedendo ao Sherpa a mais alta e cintilante condecoração do país: a Estrela do Nepal, e, generoso, a Hillary, uma condecoraçãozinha apagada e de terceira categoria: a Ordem dos

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

Pombo-correio

A vida é pombo-correio,
A sorte é carta-fechada:
Entre penas revoando,
Um doce engano... e mais nada,

António Corrêa de Oliveira

COLUMBOFILIA

Grupo Columbófilo Guadiana

Vila Real de Santo António

Realizou o Grupo Columbófilo Guadiana, em cumprimento do seu calendário desportivo, mais três concursos, saltando nas seguintes localidades:

CASTELO BRANCO, em 28 de Junho — 291 km., média 976,02 m. p. m., saindo vencedor os pombos dos srs.:

1.º, 2.º e 3.º, Gervásio M. Estêvão; 4.º Dr. Manuel F. Vargas.

GAIA, em 5 de Julho — 433 km., média 934,44 m. p. m.

1.º e 2.º, Dr. Manuel F. Vargas; 3.º e 4.º, Gervásio M. Estêvão.

VENDAS NOVAS, em 12 de Julho — 188 kms.

1.º, António Vicente; 2.º, Dr. Manuel F. Vargas; 3.º e 4.º, Gervásio M. Estêvão. Realiza-se hoje o concurso de Visou.

PREFIRA A

HAVANEZA

para os seus trabalhos

FOTOGRAFICOS

O MUNDO MARAVILHOSO DO ATOMO - III

A DESCOBERTA DO RÁDIO

OS TRABALHOS de Becquerel prenderam a atenção de Maria Curie, que nessa época procurava um assunto que fôsse novo e palpitante, para defesa da sua tese de doutoramento.

Apasionadamente, dedicou-se ao trabalho de estudar todos os elementos conhecidos até aí, para ver se mais algum possuía as propriedades do urânio. Em breve ela descobriu, ao mesmo tempo que o alemão G. C. Schmidt (1898), que o *tório* possui igualmente propriedades radioactivas. Depois de estudar os elementos, começa a ensaiar todos os minérios que seu marido, Pedro Curie, traz do gabinete de Mineralogia da Escola de Física.

Afim-de classificar a intensidade radioactiva dos vários corpos estudados, aproveitando a propriedade ionizante das radiações, serve-se de um electrómetro piezo-eléctrico de grande precisão e confirma a conclusão de Becquerel de ser «a intensidade das radiações proporcional à percentagem dos elementos radioactivos».

Assim, conhecendo-se por meio de métodos clássicos de dosagem química, quais as percentagens de sais de urânio ou tório existentes num composto, há a possibilidade de, a priori, saber qual a intensidade radioactiva da substância em estudo.

E' nesta altura que é verificado o facto anormal que a havia de celebrar.

Vários minérios de urânio e tório, em particular o minério de urânio «poqueblenda», manifestam uma radioactividade quase quatro vezes maior que as suas percentagens de urânio ou tório deixavam prevêr.

Seu marido, entusiasmado com a nova descoberta, resolveu colaborar intensamente nas investigações.

Ambos convencidos de que essa anormalidade só podia ser devida ao facto da existência do novo ou novos elementos desconhecidos existentes nesses minerais, iniciam os trabalhos de pesquisa e separação dos novos elementos.

Em Julho de 1898, eles anunciam a descoberta de um novo elemento que, em honra do país natal de Maria Curie, teve o nome de «Polónio», e, em Dezembro do mesmo ano, numa nota à Academia das Ciências, assinada pelos esposos Curie e pelo colaborador Bemont, foi anunciada a descoberta do rádio.

A tradição impunha, porém, que a descoberta de um novo elemento implicava pelo menos:

— Separá-lo no estado puro.

— Determinar o seu peso atómico.

— Fotografar o seu espectro.

Ora, as quantidades de metal activo que se haviam conseguido, se bem que enriquecidas por numerosas operações químicas, eram muito fracas e nem sequer permitiam obter as suas radiações características no espectro (1).

E' então que se verifica um dos maiores exemplos de persistência da história moderna. O casal Curie, partindo do nada, trabalhando num simples armazém, incómodo e frio, que lhes foi cedido pela escola de Físico-Química onde Pedro Curie era professor, aí improvisam um laboratório mal instalado. Sem dinheiro para comprar os materiais necessários, meteram ombros ao seu trabalho ingente.

Eles precisam tratar massas consideráveis de minério. A poqueblenda só podia ser obtida em grandes quantidades, nessa época, na Boémia, nas minas de Saint-Joachimthal. Estas minas estavam a ser exploradas pelo governo austriaco, para extrair o óxido de urânio que era utilizado no fabrico do vidro e cerâmica opalescente. O minério, ao sair da mina, acusava uma radioactividade quatro vezes superior à do óxido de urânio extraído, donde se concluía que o elemento que se buscava devia encontrar-se nos resíduos. O governo austriaco pôs à disposição dos Curies toneladas de resíduos de poqueblenda.

Durante quatro anos de incansável trabalho, os Curies aplicaram-se a separar e a concentrar por processos químicos a porção do resíduo de poqueblenda cada vez mais radioactiva. Depois, por um processo de cristalização fraccionada, obtiveram dois décimos de miligrama de cloreto de rádio, suficientemente puro para poderem determinar o seu peso atómico e o espectro do elemento. Os seus esforços haviam sido coroados de êxito.

Um dia, Becquerel, que levava no bolso do colete um pequeno tubo com uma quantidade insignificante de rádio, verificou que este lhe tinha produzido uma pequena queimadura. Apresando-se a comunicar este facto a Pedro Curie, este, juntamente com a colaboração de alguns médicos, conclue que a radiação do rádio é capaz de destruir as células doentes, curando o lúpus, os tumores e certas formas cancerosas.

Este novo elemento, primeira maravilha do mundo atómico, iluminou de esperança, qual farol em plena treva, os milhares de cancerosos que, desesperados e sem fé, fazem parte da humanidade sofredora.

Em 1898, André Bebiere descobriu o «actínio», que possui também propriedades radioactivas.

Depois, outras elementos foram sendo descobertos, contando-se hoje cerca de quarenta e quatro radioelementos naturais.

(1) A espectrografia é um dos processos que se tem revelado mais fecundo na descoberta e investigação dos elementos.

O seu princípio consiste em fazer incidir sobre um prisma um estreito feixe luminoso. Este feixe, ao atravessar o prisma, em função dos comprimentos de onda das radiações de que é composto, sofre várias divergências, dando num alvo um espectro. Verificou-se que cada elemento dava determinados riscos no espectro e que, portanto, este pode caracterizar o elemento.

As riscas são brilhantes e de cores características no espectro de emissão, e pretas, ocupando os mesmos lugares, no espectro de absorção.